

## Amor e misticismo em João de Deus

*Linhares Filho*

### 1 — INTRODUÇÃO

Pretendemos, com o presente trabalho, proceder a uma leitura da lírica do poeta português João de Deus Ramos, tal como está no livro *Campos de Flores*, onde se encontram as suas “poesias completas, coordenadas sob as vistas do autor por Teófilo Braga”.

Adotaremos na referida leitura o método hermenêutico numa análise intertextual, aplicando a teoria do *entre-texto*, de Eduardo Portella, a qual se fundamenta na ambigüidade, procura sondar o silêncio do não-escrito, a transmanência e propõe o *trans-modelo*, que é o “modelo aberto do *entre-texto*”, sendo este, portanto, o poético, ou o “*texto* mediado pelo *pré-texto*”.<sup>1</sup>

O título deste ensaio não surgiu aprioristicamente, impôs-se depois de cuidadosa sondagem da obra poética do autor e após a pesquisa de alguns textos de teóricos, investigadores e críticos que nos antecederam na análise, na interpretação e no julgamento do poeta João de Deus e do Romantismo em Portugal e na Literatura do Ocidente. Procuramos com muito esforço a originalidade, difícil no exame de uma obra sem segredos marcantes e já estudada por competentes estudiosos do fato literário em geral e da Literatura Portuguesa em particular. Presumimos que pelo

---

1 BERARDINELLI, Cleonice. (Apresentação) *João de Deus*; poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1967 [Col. Nossos Clássicos, 90].

menos o tipo de abordagem aplicada ao autor ofereça ao leitor uma quota de novidade. Serviu-nos, ademais, como valiosa orientação o curso sobre Romantismo Português a nível de Doutoramento e ministrado pelo Professor Doutor Leodegário A. de Azevedo Filho na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 1980.

Indicaremos os aspectos principais da lírica do autor e cingir-nos-emos com detença maior ao poema "A Vida", o qual nos levará intertextualmente a muitos outros poemas de João de Deus. Apontaremos "leitmotivs" primordiais, os três elementos essenciais da obra e lhe proporemos o *entre-texto*.

Convencionamos a sigla "CF" para referir-nos à obra *Campos de Flores* no corpo deste trabalho, a qual usaremos seguida do número da página em que se acharem as passagens citadas.

Chamamos a atenção do leitor para a ortografia antiga e irregular da 10.<sup>a</sup> edição dos dois volumes da lírica do autor: conservamos tal ortografia nas citações.

## 2 — ANÁLISE HERMENÊUTICA

### 2.1 — Aspectos da lírica do autor

Contemporânea da estética ultra-romântica, das idéias sócio-culturais que, a partir de 1865, mudariam o rumo da Literatura Portuguesa para uma concepção de vida e de arte realista; coetânea ainda de um Simbolismo incipiente, a obra poética de João de Deus é considerada pela crítica como aquela que se caracteriza por um grande isolamento literário no contexto em que se produziu e divulgou. Tal isolamento resulta de certa conciliação entre a vinculação romântica e a adoção de atitudes mais condizentes com o espírito realista; além disso, do "sentido-humano do lirismo" do autor segundo a opinião de Naief Sáfady, para quem tal sentido se revela por uma poesia que "tem apenas missão interior, para dentro, realizando, a partir daí, ou como causa, um lirismo também para dentro, um lirismo de consolo".<sup>2</sup>

De fato, a poesia de João de Deus parece ser feita acima de tudo para encanto e consumo do próprio autor, que

2 PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974, p. 54 e segs.; 18.

prezaria demasiadamente a função da evasão, tanto é o alheamento, que traz, da problemática cultural do seu tempo. No entanto essa poesia, por certo timbre emocional, embora não revelando uma nítida e convincente experiência da vida,<sup>3</sup> e ainda pela facilidade e simplicidade, atingiu o grande público, e, pela força da perenidade de sua temática, pela linha de lirismo tradicional, medievalista e camoniano e também pelo cuidado da expressão combinado com a fluidez, capacitou-se a ser compreendida e em grande parte aplaudida pela crítica.

Não obstante, tem-se a impressão de uma grande superficialidade de sentimentos ao lerem-se algumas páginas da poesia de João de Deus em vista de lugares-comuns; do cultivo de palavras, apesar de encantatórias, tornadas gastas por serem muito repetidas pelo autor, causando isso, além do mais, monotonia; e em vista de certo tom de facilidade sentimental, com alguns traços de ultra-romantismo. Além disso a poesia de João de Deus não raro sugere a ausência de dramas verdadeiramente profundos: a leveza dos versos do poeta, se, por um lado, têm a sua graça, são por vezes incapazes de fazer-nos crer numa gravidade maior da dor amorosa ou de qualquer outro tipo de sofrimento que ele apresenta. Esses aspectos negativos, porém, não invalidam o todo da obra. Bastaria que o autor, com maior consciência crítica, houvesse selecionado mais a sua poesia, pois que páginas admiráveis se encontram em sua obra lírica. Citemos algumas das mais destacadas: "Noite de Amores", "Folha cahida", "Saudade", "?", "Tristezas", "Estrela", "Dúvida", "Espera", "Adeus", "N'um convento", "Luz do céu", "Ciúme", "Desalento", "A vida", "Rachel", "Lamento", "Adeus" (elegia) e "Deus?".

Assinale-se como uma das virtudes da poesia de João de Deus a extraordinária variação de metros que ela possui, o que vem contrabalançar o aspecto monótono a que nos referimos.

A qualidade elegíaca no poeta é muito intensa aparece por conta de uma freqüente melancolia que não chega à morbidez, pois o autor, amante da vida, com ela também se encanta e a celebra. Além dos poemas reunidos sob o nome de Elegias, embora alguns desses não tenham, a nosso ver, verdadeiro espírito elegíaco, a elegia se espalha pelas outras

3 SAFADY, Naief. *O sentido humano do lirismo de João de Deus*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1961, p. 108.

partes do *Campo de Flores* como é o caso da excelente composição “Tristezas”, inserida entre as chamadas Cançonetas.

Como poeta elegíaco, João de Deus frequentemente se despediu da vida que amava e que lamentava deixar, se bem que as convicções religiosas reveladas em sua poesia o fizessem crer quase sempre numa eternidade feliz. Podemos encontrar o poeta a despedir-se em vários poemas e não somente naqueles que trazem no título a despedida: “Adeus” (dois poemas). (Cf. p. 115, 148, 228, 258).

Ligada ao elegíaco está a insatisfação vital do autor, relacionada sempre com a temática amorosa,, podendo identificar-se na obra de João de Deus a característica que Friedrich Schlegel indica como essencial da poesia romântica, o *Sehnsucht*, que, ao lado da “insatisfação perpétua”, “significa a nostalgia de algo distante, no tempo e no espaço, para que o espírito tende irresistivelmente, sabendo todavia de antemão que lhe é impossível alcançar esse bem sonhado”.<sup>4</sup>

O aspecto da indefinição ou vaguidade do *Sehnsucht* estaria bem retratado nestes versos do autor que têm como título a interrogação (“?”):

*Não sei o que há de vago,  
De incoersível, puro,  
No vôo em que divago  
À tua busca, amor! (Cf, p. 45).*

Quanto ao aspecto da insatisfação, no autor sempre amorosa, como dissemos, comporta-se João de Deus — segundo observação de David Mourão-Ferreira que já se baseia em importante estudo de Vitorino Nemésio, — como um “poeta *invocativo* nas Cançonetas, nas Odes, nas Canções e nos Idílios” ou como um “poeta *evocativo*”<sup>5</sup> nas Elegias. E conclui David Mourão-Ferreira: “Os dois pólos do seu estro são, portanto, o amor ainda irrealizado e o amor já irrealizável”.<sup>6</sup> Resulta dessas duas atitudes a insatisfação do poeta.

A figura da Mulher Amada é o grande, o constante tema da poesia de João de Deus. Enaltece-a extraordinariamente, diviniza-a. Chama-lhe de “anjo tutelar” e utiliza com abun-

4 Cf. *Ibidem*, p. 109.

5 SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra, Almedina, 1973, p. 476.

6 FERREIRA, David-Mourão. Apud COELHO, Jacinto do Prado. (Dir. de) *Dicionário de literatura*. Porto, Figueirinhas, 1973, 3 v., p. 258.

dância elementos encantatórios da Natureza em metáforas ou comparações claras para exaltar as qualidades femininas. Tal acontece, por exemplo, no poema “Beatriz”, em que há, como em muitas outras ocasiões, gratuidade e exagero românticos:

*Tu és a nuvem de agosto,  
Meu alvo vello de lã!  
Tu és a luz do sol-posto  
Tu és a luz da manhã!*

.....  
*Tu és a água das fontes  
Tu és a espuma do mar!  
Tu és o lírio dos montes,  
Tu és a hóstia do altar!... (Cf, p. 99-100).*

O “amor e medo” é cultivado pelo poeta e muitas vezes a imagem da Mulher Amada é idealizada por ele bem como o próprio contato amoroso. Se, no poema “Noite de Amores”, afirma — “Como é que alli confundidas/Se não trocaram as vidas / E os corações de nós dois!” (Cf, p. 11) —, logo afasta, cheio de pudor, qualquer possibilidade de posse amorosa nestes versos do poema “Resposta”, que responde à “Carta Anonyma”, uma censura moralista às confissões do poema “Noite de amores”:

*Aquella noite de amores,  
Aquelles languidos ais,  
Aquelle leito de flores...*  
Foi um sonho e nada mais. (Cf, p. 13).

Mas, algumas vezes, a poesia que é habitualmente de um sensualismo, digamos, casto, pela reserva, pela latência, alimentado por anseios solitários, dúvidas de amor, adorações à distância, louvores cavalheirescos ao porte físico e às qualidades morais da Amada, rompe os freios da contenção pudica, como quando, atormentado por um injustificado ciúme, confessa depois de um pálido e reticente circunlóquio, em que apela para a maliciosa sensibilidade feminina:

*À noite que o lençol,  
N’este calor que vae,  
Quando te deitas cae  
Sobre o teu seio... eu sinto!*

*E sabes que não minto.  
Oh! se pudesse ser...  
Tu és mulher, presume  
O que eu não sei dizer...  
— Mordia-o de ciúme... (Cf, p. 158).*

No poema “Espera” chega a desferir um veemente clamor, embora indiretamente, por mair contato amoroso, quando sugere que a mão de uma mulher lhe passe pelos cabelos, e, desta vez, como que com o demônio do instinto desperto, não se satisfaz com o simples toque das mãos femininas nas suas, nem se contenta com o sorriso dos “lábios nacarados”, com o qual noutras ocasiões se conforma. O poeta deseja algo perene, não diz claramente o que quer, usa insinuações que mais se concentram no verbo “espera” e sobretudo no repetido hexâmetro “Eu tenho coração!”, tornando-se o poema um espécime delicado e válido da latência sensual do autor:

*Uivaria de amor a fera bruta  
Que pela grenha te sentisse a mão;  
E eu não sou fera, pomba! espera, escuta;  
Eu tenho coração!*

.....  
*A mim nasceu-me o sol, rompeu-me o dia  
Da noite escura de olhos taes, mulher!  
Não me apagues a luz que me alumia,  
Senão quando eu morrer!*

*Eu não te peço a ti que as mãos de neve,  
Os dedos afusados d'essas mãos,  
Me toquem estas minhas nem de leve...  
Seriam rogos vãos! (Cf, p. 113).*

A designação metafórica de “pomba” é a mais repetida maneira do poeta aludir à Mulher Amada, havendo mesmo escrito um poema intitulado “Pomba” (Cf. p. 199), e isso condiz com o espírito de candidez e simplicidade da poesia de João de Deus. O beijo constitui-se no gesto amoroso mais referido, reclamado e celebrado pelo autor. O poema que traz o título de “Beijo” é leve, de um cinismo gracioso e de estrutura s'ngela, em que o autor pressupõe o pensamento da interlocutora e tenta iludi-la, comandando-lhe as reações sobretudo com os quatro argumentos do final, sofis-

mas com que pretende conseguir mais um beijo e completar três, porque três são as pessoas da Trindade, três as Graças, três as Virtudes e três “As folhas santas / Que o lírio fecham”. (Cf. p. 27).

## 2.2 — A Amada e o poema “A vida”

A definição mais essencial da Amada na poesia de João de Deus encontra-se no poema “A vida”, que é a sua obra-prima. Embora se dissemine indiretamente a definição da Amada por produções do *Campo de Flores* e por várias partes do poema aludido, concentra-se em dois versos deste. Pode dizer-se que as duas atitudes do amor em João de Deus, a *invocativa* e a *evocativa*, têm o seu fulcro ou o seu ponto de convergência nessa idéia vigorosa que colhemos da análise intertextual da lírica do autor, idéia que consiste na definição essencial da Amada. Trata-se da concepção de que a Amada é vida. Assim o mais importante poema de João de Deus: uma elegia em que há um lamento indireto e d’lúido; recordação do passado feliz (“Ah! quando no seu collo reclinado”); dúvida religiosa (“Talvez! — é hoje a Bíblia”) e desilusão (“— Nunca! responde a folha”) ante a perda da Amada, luz e vida efêmera do poeta. Eis os dois versos que se coordenam e em que se concentra a idéia poética a irradiar-se para outros aspectos da obra: “A vida o vento a levou!” e “O vento m’a levou!” (Cf. p. 209-210).

No poema “A vida”, o autor, por entre procedimentos poéticos, de que ressaltam o símile e a metáfora, recorda e enaltece partes do corpo, reações, emanção, adereços e o espírito da Amada (colc, lábios, olhos, boca, mãoz’nhas, cruz do colar, riso, rosto, trança, peito, cabelos, hálito, flor da grinalda, franja do chaile, alma, cabeça, olhar). Do poema, rico em recursos poéticos, destacam-se, além dos indicados, prosopopéias; elementos sensoriais, alguns como sinestésias; eufemismos.

A idéia do efêmero da vida está bem definida na estrofe 28 (“Some-te, vóa, apaga-te, meteoro!”) e da 31 à 37, sendo expressa sempre por meio de metáforas com substantivos que sofrem a ação do vento ou a este se ligam (nuvem, fumo, folha, ave, onda), expressões de sentido diáfano fugaz, ou verbos que indiquem fuga, extinção ou transporte, aparecendo o verbo “levar” como o mais freqüente, e o vento como o símbolo do malefício contra a vida, isto é, contra a Amada, que é subtraída ao poeta. Os versos “A vida é o dia de hoje”

e “A vida dura um momento” são as chaves da idéia de eferidade.

Ligadas à idéia da Amada que é vida, estão as idéias de luz, sol, brilho, aurora, fumo (este, por um efeito metonímico, se relaciona ao fogo, que é sol ou vida do lar). Vejamos a comprovação dessas assertivas para que se reforce o *entre-texto* que vamos desvendando.

Encadeando-se ao verso “A vida e o vento a levou!”, lê-se a seguinte estrofe, comandada por uma das muitas comparações do poema:

*Como em sonhos o anjo que me afaga  
Leva na trança os lírios que lhe puz,  
E a luz quando se apaga  
Leva aos olhos a luz! (Cf, p. 209).*

Para que entendamos melhor esses versos, em que o autor sugere que, apagada a vida da Amada, esta surja como luz, embora precariamente, no seu íntimo, que a cultua como quem fecha os olhos. Vejamos o poema “Sol íntimo” na sua íntegra:

*Os olhos sempre que os puz  
Fitos no astro do dia  
(Parece que se introduz  
Tanta luz na phantasia...)  
Sabem o que acontecia?  
Fechava os olhos e via  
Do mesmo modo essa luz.  
Assim foi certa visão  
Que tive por meus pecados!  
Nunca uma breve impressão  
Em meus olhos descuidados  
Deu tamanhos resultados,  
Que é vel-a de olhos fechados,  
Ainda no coração! (Cf, p. 143).*

Igual fantasia, baseada em fenômeno físico, encontra-se na estrofe do poema “A vida”, mas aqui a visão íntima é trágica, porque na realidade a vida da Amada se apagou. Verifiquemos que a última comparação dos versos desse poema que giram em torno do verbo “levar” conduz um semema referente à luz e correspondente ao sema representado

pela Amada (ou vida que se apaga): “E [como] o sol leva o seu brilho...” (Cf, p. 210).

A luz dos olhos da Amada no poema “Fascinação” tem realmente a força de um fascínio (“Cahir, mulher! só posso à luz de um raio / Se elle cahir do céu dos olhos teus!”) (Cf, p. 110).

Em “Sol do meu dia”, poema que em vários aspectos possui exagero de sentimentalidade, o poeta imagina que “a luz do teu olhar” não luza para ele “Como a águia no ar, que passa e cruza / A terra sem na ver!” (Cf, p. 125), observando-se aí a atribuição de grande superioridade à mulher, característica romântica que se acha em outros poemas do autor, que em relação à sua predileta chega a comparar-se ao “cão do mendigo”. (Cf, p. 1). Mas, no citado poema “Sol do meu dia”, confirma-se a idéia de que a Mulher Amada é a vida do poeta, de quem a vida e a morte dependem da luz que para ele a eleita representa:

*E eu, se essa luz dos olhos me fugira,  
Sobrevivia? Não.  
Assim como em ti vivo, morreria  
Também contigo, se uma vez (que horror!)  
Te viesse pôr, oh sol!... sol do meu dia!  
Astro do meu amor! (Cf, p. 126).*

Explica-se que o Sol seja utilizado metaforicamente como semema de vida por ser ele a fonte da vida na Natureza. Por uma relação metonímica, com a luz se dá o mesmo e, por uma relação analógica, o mesmo acontece com o fogo. Assim é que se entende a aproximação que o poeta faz do rosto da Amada ao fumo que sobe do lar. O fumo resulta do fogo, portanto é índice da vida no lar, daquela mesma vida que Prometeu um dia entregara aos homens, roubando para eles o fogo divino:

*Vi o teu rosto lindo,  
Esse rosto sem par;  
Contemplei-o de longe mudo e quedo,  
Como quem volta de áspero degredo  
E vê ao ar subindo  
O fumo do seu lar! (Cf, p. 83).*

E nas estrofes que se seguem a essa no poema “Adoração”, verificamos uma ligação mais nítida com a semântica da luz como significante da vida.

*Vi esse olhar tocante,  
De um fluido sem igual;  
Suave como lâmpada sagrada,  
Benvindo como a luz da madrugada  
Que rompe ao navegante  
Depois do temporal! (Cf, p. 83).*

Nessa estrofe, destacam-se as palavras “lâmpada”, “luz”, e “olhar” esta já bem relacionada com a semântica em análise por força da luz que os olhos irradiam. Na estrofe subsequente, o “corpo de ave” da Amada parece “Levado como o sol ou como a lua” e, a seguir, lê-se: “espalha o teu rosto uma luz santa, / Uma luz que me prende e que me encanta”. Esse o rosto que lembra o fumo do lar, aquele mesmo fumo que é o grande contraste numa das mais belas composições do autor, que, enquanto vai com sua vida pela “descida./Caminho do mar” da morte, recorda “O fumo que eu via / Subir do meu lar!” (Cf, p. 55), aquele símbolo da vida que o poeta não quer deixar (“Carreira da vida, / Vai mais devagar”). Observe-se de passagem que esse mar é, antes de tudo, um pequeno traço de lirismo comunitário com que o poeta incorpora a cultura portuguesa, crendo esta no mito de que o homem luso é fadado a morrer no mar, causa de martírio e glória.

Voltemos à elegia “A vida”. Reparemos que já nas duas estrofes iniciais desse poema o autor se refere à “luz” que o guiava na vida e faz depender do despontar e do anuviar dela o despontar e anuviar da “luz de tudo” e particularmente da luz de sua alma, do que se conclui que a falta da Amada, que é simbolizada pela luz, fez do poeta um morto em vida.

Ao recordar em onze estrofes a felicidade do tempo em que a Amada estava ao seu lado, o poeta encerra a segunda parte do poema com duas estrofes em que, ainda não solitário “como a palmeira do deserto”, ainda não se deparava com “A sombra do meu sêr!”, porque este ainda não voara “na aza da águia negra” (Cf, p. 211), mas o poeta encontrava-se com o sol de uma plenitude e de uma comunhão que se resumem nas sete cores do arco-íris, espectro do sol

da vida, na euforia paradisiaca, no panteísmo e na paz de Deus:

*Tinha o céu da minha alma as sete côres,  
Val'a-me este mundo um paraíso,  
Distillava-me a alma um doce riso,  
Debaixo de meus pés brotavam flores!*

*Deus era inda meu pae, e em quanto pude  
Li o seu nome em tudo quanto existe,  
No campo em flor, na praia árida e triste,  
No céu, no mar, na terra e... na virtude!*

(Cf, p. 205-206)

A plenitude que a Amada transmite ao poeta evita que este suspire, em “Desalento”, “Eu tenho muta pena / De ter nascido até!” (Cf, p. 174), impede-o de fantasiar com pessimismo e lamento a Natureza, que pelo poeta é vista a dar sinal de luta devido ao nascimento dele, pois ao sofrimento, assim, o autor se predestinaria (“Tingiu-se o céu de sangue, e era sol-posto / Quando eu nasci!”) (Cf, p. 226); mas a plenitude que a Amada transmite a João de Deus leva-o é a cantar, utilizando aspectos da semântica ligada à luz e ao fogo, estrofes exultantes, do poema “Luz do céu”. Le-amo-las:

*Mas tu, oh luz do céu! cheia de graça!  
Tu cuja cinta meço a toda a hora,  
Tu para mim és o listão da aurora  
Que me encobre a montanha da desgraça:*

*Em te avistando ao longe, como eu pinto  
Já de outra côr o céu! Mal te oiço o vôo,  
Como eu digo contente: eu te abençoô,  
Oh dia em que nasci! Eu amo! eu sinto! (Cf, p. 145)*

Bend'zendo o dia do seu nascimento, reencontra-se o poeta porque ama. A Amada, aquela que é a sua vida, o faz voltar à origem e renascer. Não é sem razão que a vida, o fogo e/ou a luz se encontram juntos no cerne da poesia de João de Deus: a Prometeu, que arrebatou o fogo celeste para doá-lo aos homens, atribui-se também a criação de homens e animais. Nessas estrofes o autor bendiz o dia de sua criação, enfim, por sentir-se iluminado pela Amada, “luz do céu”.

### 2.3 — A Natureza e Deus

Na lírica de João de Deus a Natureza exerce um papel da mais alta importância: é o cenário do amor; presta-se, com os seus elementos encantatórios, a exaltar a Amada (“A ti que em astros desenhei nos céos”) (Cf, p. 228); e é tomada, ainda, como exemplo de virtude, notadamente de doação amorosa, como nos poemas “Deixa!” e “No album” (de Nogueira Lima):

*Amam leões e tigres; não há nada,  
Anjo! que a amor se esconda,  
Beija a pomba o seu par, e abraça a onda  
A rocha inanimada!* (Cf, p. 91).

*Tu não vês como as pombas se beijam,  
Tu não vês como as nuvens se abraçam,  
Tu não vês como os feras se enlaçam,  
A ruínas e troncos, amor?* (Cf, p. 155)

É Deus, porém, o ponto de convergência, na obra em análise, da temática da Mulher Amada e da Natureza, embora não seja a mais frequente preocupação do autor. A grande religiosidade de João de Deus fê-lo escrever os “Cânticos”, poemas místicos, e “Versões e Imitações”, em que se acham páginas bíblicas como o “Cântico dos cânticos de Salomão”, alguns Salmos e “Provérbios de Salomão”. Na Natureza via Deus num como panteísmo, mas via Deus sobretudo na Mulher, para o poeta a obra mais perfeita da criação:

*É na face das bellas mulheres  
Que eu só vejo o bom Deus retratado:  
Que é o sol insensível ao lado  
D’esses olhos de vivo esplendor?* (Cf, p. 155).

Devido à grande perda expressa no poema “A vida”, chega o autor a blasfemar (“Deus era inda meu pae”), a considerar inútil a virtude (“Não és mais que um nome vão”) e a duvidar da Bíblia (“Talvez! — é hoje a Bíblia”). Aí, a perturbação do poeta leva-o ao paradoxo romântico, pois no mesmo poema escreve queixoso, mas contradizendo-se:

*E Deus, tu és piedoso,  
Senhor! és Deus e pae!  
E ao filho desditoso  
Não ouves pois um ai! (Cf, p. 210).*

Antes da elegia "A vida", lê-se, na composição "Último Adeus" (A Reis Damaso) esta confissão de crença no prazer além da morte e em Deus, mesmo se encontrando o poeta distante da Amada:

*Lá tão longe de ti, mas não do terno,  
Bondoso Pae que os dois nos há gerado,  
Só para maguas não, que bem guardado  
Nos tem também no céu prazer eterno. (Cf, p. 148).*

Alguns poemas que se inserem no *Campo de Flores* depois de "A vida", haja vista os que se intitulam "Deus?" e "Psalmo", ambos da parte denominada "Cânticos", são espécies de palinódia quanto à atitude para com Deus adotada naquela elegia. A interrogação no título de um dos referidos poemas, repetida em quatro versos, não se torna significativa de uma dúvida persistente e enfática, porém, numa como maiêutica, acaba por afirmar indireta mas eficientemente a existência e virtudes de um Ser que "encheu alma" do poeta "d'um eterno enlevo", que assim o atrai poderosamente, e que ressuma características do Absoluto ou de Deus. Leiamos os tercetos do soneto de que falamos, e constataremos como o primeiro excele pelo sabor de paradoxo dos seus versos e o outro pelo valor da linguagem sensorial:

*Segue-me sempre... e só por ti suspiro!  
Vejo-te em tudo... terra e céu te esconde!  
Nunca te vi... cada vez mais te admiro!*

*Nunca essa voz à minha voz responde...  
E ecco fiel até do ar que aspiro,  
Sinto-te o hálito!... em minh'alma ou onde? (Cf,  
p. 364).*

No "Psalmo", o poeta, com um verdadeiro ato de crença, afirma ver Deus nas flores, nos lábios da mulher, no filho. Sente-o junto à dor, pois diz que "Ele sofre conosco!" Encerram-se os tercetos desse poema com o verso laudatório, condizente com o espírito dos salmos: "Como é grande

Jehovah, como é clemente!” Mas é justo que transcrevamos a sétima estrofe, em que o autor não já considera a Amada a sua luz, mas acredita que de Deus é que a luz promana:

*Elle é que a luz nos dá, pharol divino,  
Centro dos sóes, dos mundos, do universo,  
Que ao hálito da flor marca o destino! (Cf, p. 336).*

### 3 — CONCLUSÃO

Vimos pela leitura intertextual da lírica de João de Deus que os três grandes elementos poéticos cultivados como temática do autor são a Amada, a Natureza e Deus. A Natureza serve de instrumento para simbolizar a Deus e a Amada. E revela aquele e exalta esta. Digamos que é a principal fonte do estranhamento poético.

As palavras “vida” e “luz” representam os *leitmotivs* principais da poesia do autor, encerram as idéias precípua do *entre-texto* que buscamos. Este pode ser encaminhado pela seguinte reflexão: A vida ou luz do poeta é a Amada que, espelhando Deus e sendo simbolizada pela Natureza, enfim se substitui por Deus. Eis como funciona o amor e o misticismo do poeta luso. Assim, podemos chegar ao *entre-texto* da obra analisada, o qual se exprimiria na proposição: Deus, que se espelha na Amada e na Natureza, é a vida e a luz do poeta.

A atitude amorosa e mística de João de Deus condiz com a sua posição de romântico. A insatisfação ou *Sehnsuchi* da-quele que declarou “Morto tenho eu vivido a vida toda!” (Cf, p. 150) buscou na Mulher a sua realização como ideal de poesia e da vida (“Quando vejo a minha Amada / Parece que o sol nasceu”) (Cf, p. 74) e, em última instância, recorreu a Deus, o “Centro dos sóes”, seguindo o autor, aliás, o que se lê em teoristas como Vitor Manuel de Aguiar e Silva: “O mundo romântico, diferentemente do mundo humanístico e do mundo iluminista, está radicalmente aberto ao sobrenatural e ao mistério, pois representa apenas “uma aparição evocada pelo espírito.”<sup>7</sup>

João de Deus veio salvar mais os valores românticos, com uma poesia de certa contenção sentimental contra os exageros ultra-românticos numa fase literária por isso mesmo

<sup>7</sup> SILVA, op. cit., nota 4, p. 476.

decadente. E o que produziu, se mais não se engajou na revolução cultural que já se processava no Portugal do seu tempo, exprimiu, em grande parte, pela espontaneidade do sentimento amoroso e sofrido, o tradicional, imutável e essencial modo de ser do povo lusitano, aquela herança advinda do Medievalismo, explicada pela filosofia da história de Herder, e que se pode chamar *Volksgeist*, o “espírito do povo”.<sup>8</sup>

#### BIBLIOGRAFIA:

- BERARDINELLI, Cleonice. (Apresentação) *João de Deus*; poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1967. (Col. Nossos Clássicos, 90).
- COELHO, Jacinto do Prado (Dir. de). *Dicionário de literatura*. Porto, Figueirinhas, 1973, 3 v.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, São José, 1966.
- DEUS, João de. *Campo de flores*. Lisboa, Bertrand, 1974, 2 v.
- FIGUEIREDO, José. *Dicionário de mitologia*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1961.
- FRANÇA, José Augusto. *O romantismo em Portugal*. Trad. Francisco Bronze. Lisboa, Horizonte, 1974, 6 v.
- PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- SÁFADY, Nalef. *O sentido humano do lirismo de João de Deus*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1961.
- SARAIVA, Antonio José & LOPES, ÓSCAR. *História da literatura portuguesa*. 4. ed., Porto, Porto Edit. [s.d.].
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra, Almedina, 1973.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 482-483.